

FICHA TÉCNICA

Título original: *You're The One That I Want*

Autora: *Giovanna Fletcher*

Copyright © 2014 by Giovanna Fletcher

Todos os direitos reservados

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2015

Tradução: *Isabel Andrade*

Imagem da capa: *Shutterstock*

Capa: *Sofia Ramos/Editorial Presença*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.^a edição, Lisboa, julho, 2015

Depósito legal n.º 394 998/15

Reservados todos os direitos
para Portugal à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 BARCARENA

info@presenca.pt

www.presenca.pt

MADDY

Vinte e seis anos...

Quinze metros apenas me separavam do meu futuro marido. A única coisa que me faltava para concluir a transformação de Miss Maddy Hurst em Mrs. Maddy Miles era percorrer aqueles quinze metros e pronunciar os votos de casamento. Desse modo, podia deixar o passado para trás e olhar para o futuro com segurança, dignidade e com o amor de um homem bom, sabendo que também eu era merecedora dele.

Todavia, mesmo sabendo que esse era o meu desejo, não deixavam de ser os quinze metros mais difíceis que já tivera de percorrer. Sabia que estava a afastar-me de alguém com capacidade suficiente para me levar a novos patamares com o seu amor — um amor que me pertencia se o quisesse, mas nunca estivera verdadeiramente ao meu alcance. Se as circunstâncias tivessem sido outras, possivelmente teríamos vivido algo de mágico. Custou-me muito distanciar-me daqueles sentimentos, dele, mas dissera-lhe tudo o que precisava de lhe dizer. Ele sabia que o amava e que o meu amor por ele era incondicional, como sempre fora.

No interior da igreja, começou a soar «Give Me Joy in My Heart», o que me desviou dos meus pensamentos errantes e me fez saber que era chegado o momento de eu entrar. Devagar, uma após outra, as damas de honor transpuseram a enorme arcada de madeira. Pearl, a última do grupo, virou-se para me piscar o olho com entusiasmo antes de seguir as restantes com a pequena cauda do seu vestido de seda a esvoaçar atrás dela.

— Estás preparada? — perguntou-me o meu pai, todo bonitinho no seu fato cinzento-claro e com aquela gravata verde-esmeralda, que reparei estar um pouco torta. O seu cabelo grisalho estava quase todo escondido debaixo de uma grande cartola, que, de maneira um tanto bizarra, o tornava mais baixo do que de costume, embora ficasse mais alto. Parecia tão nervoso como eu, uma coisa para a qual eu não estava preparada!

Compus-lhe a gravata e fiz-lhe um pequeno aceno de cabeça.

Verificou o meu véu, como a minha mãe claramente o instruíra a fazer — devia ficar vincado dos lados e não à frente da minha cara. Depois, pôs-se ao meu lado e levantou-me o braço, passando-o em seguida em volta do seu.

— Estás linda, Maddy — murmurou.

— Obrigada, pai — consegui dizer, parecendo que os nervos se tinham apoderado de mim.

— Estás nervosa?

Outro aceno de cabeça.

— Vais sentir-te melhor quando o vires. Anda, agarra-te bem ao teu velhote. Chegou o momento de o teu noivo ver a sua noiva — disse, apertando com firmeza o meu braço de encontro ao seu tronco.

Por sugestão nossa, começámos a caminhar no ritmo pausado que tínhamos combinado — nem depressa demais que desse quase a impressão de irmos a correr para o altar, nem tão devagar que as pessoas comessem a bocejar de tédio. Ainda nessa manhã tínhamos ensaiado aquele momento para termos a certeza de que não resultava num desastre completo.

Quando iniciámos a nossa entrada na igreja e enquanto transpúnhamos as suas portas, dei comigo a agarrar-me com toda a força ao braço do meu pai. Um mar de rostos acolheu-nos — todos os convidados se levantaram e me olharam com os sorrisos mais rasgados que alguma vez vira. E eram tantos! Era maravilhoso pensar que ainda conhecíamos tanta gente.

Durante as provas do meu vestido de noiva, tinham-me dito montes de vezes para desfrutar especialmente daquele momento, para olharmos para os rostos das pessoas que ambos amávamos

e admirávamos e nos deleitarmos no seu caloroso acolhimento. Naquele dia, o seu amor era-nos dirigido. Tinham-me dito para acolher todo no meu peito. No entanto, mal vi os seus rostos e os seus sorrisos felizes e tão alegres, o sentimento que durante semanas me comprimira o peito intensificou-se ainda mais.

Estava feito.

Não havia retrocesso possível.

Um sentimento de felicidade invadiu-me quando o vi junto ao altar a olhar para mim. Parecia simplesmente divino. O meu homem maravilhoso, Robert Miles — forte, digno de confiança e apaixonado. O meu melhor amigo. Mal o vi, mais bonito do que nunca no seu fato cinzento, contraí os lábios, sentindo-me corar e os olhos encherem-se de lágrimas. O seu corpo, alto e musculado, estava claramente descontraído quando os seus deslumbrantes olhos verdes encontraram os meus, os seus lábios voluptuosos abrindo-se num sorriso ao qual não pude deixar de corresponder.

Então, olhei de relance para a direita de Robert, e vi o meu outro amor, Ben Gilbert — amável, generoso e capaz de fazer o meu coração derreter com um simples olhar. Ele, porém, não olhou para mim. Manteve a cabeça baixa e os olhos fixos no chão à sua frente; apenas conseguia ver a parte de trás do seu cabelo castanho penteado com gel — a sedosa pele morena do seu rosto e os seus olhos castanho-chocolate estavam escondidos.

O seu receio em erguer o rosto e olhar-me de frente comoveu-me muito, e por momentos senti-me insegura em relação à minha decisão.

De repente, algo em mim despertou nele uma vontade enorme de me fitar. Uma parte de mim queria que ele interrompesse o casamento e me mostrasse exatamente o quanto gostava de mim. Que me impedisse de cometer um erro terrível... todavia, seria realmente isso o que eu achava que estava a fazer? A cometer um erro terrível?

Eu amava o Robert, mas também amava o Ben. Aqueles dois homens conheciam-me há dezassete anos — ambos tinham testemunhado os meus piores momentos, tinham-me apoiado quando

caíra no desespero, tinham sido o meu pilar e tinham-me oferecido um ombro amigo para chorar quando precisara. Eram os meus grandes pilares. No plural. Não no singular.

Sim, tomara a minha decisão. Aceitei o pedido de casamento de Robert, usei um vestido branco comprido e caminhei até ao altar, contudo, se Ben tivesse dito alguma coisa, se tivesse sequer tossido de forma sugestiva, provavelmente eu teria cancelado a cerimónia.

Mesmo naquele momento.

Todavia, durante a cerimónia, a congregação foi instada a apresentar uma razão que nos impedisse de sermos unidos pelos laços do matrimónio, e não vislumbrei sequer um pestanejo de Ben, percebi claramente que ele não ia lutar por mim.

Libertava-me...

Maddy chamou logo a minha atenção no dia em que os meus olhos se detiveram nela. Estava adorável com o cabelo liso despenteado e toda corada. Também parecia estar quase a chorar. Não sei bem o que ela nos fez, a mim e ao meu amigo «quebra-gelo», quando ainda tínhamos rostos gorduchos e modos demasiado rígidos – quer dizer, a verdade é que acho que ela estava completamente aterrada. O certo, porém, é que acabámos por conquistá-la. Ainda hoje não percebemos bem como conseguimos fazê-lo...

BEN

Nove anos...

Vi-a olhar para toda a turma com aqueles grandes olhos azuis enquanto decidia qual das duas canetas de ponta de feltro, a vermelha ou a verde, era melhor para pintar o cabelo serpentino da Medusa que estava a desenhar (uma decisão muito importante, que não devia ser tomada de qualquer maneira). Ela tinha as faces e o nariz rosados da caminhada que fizera até à escola exposta ao ar gelado de fevereiro, e o seu cabelo curto e ruivo não tão perfeito assim, antes rebelde e descuidado, tinha umas pontas espetadas para dentro e outras para fora. O uniforme escolar, igual ao de todas as outras raparigas da turma (que era igual ao dos rapazes, só que nós usávamos calças) — constituído por uma saia cinzenta plissada, uma *T-shirt* branca e uma camisola verde com o logótipo da nossa escola da igreja local —, ficava-lhe demasiado grande. A saia descia-lhe bem abaixo dos joelhos e as mangas da camisola estavam arregaçadas até aos cotovelos para não lhe taparem as mãos, que agarravam a mochila verde com toda a força até os nós dos dedos ficarem brancos. Contraía os lábios como se estivesse a tentar controlar-se para não chorar. Contorcia-se toda naquele novo ambiente — o que não era de admirar, atendendo a que a maior parte de nós tinha abandonado o que estava a fazer e se pusera especado a olhar para ela.

O nosso diretor de turma, Mr. Watson, que parecia estar sempre de mau humor quando cravava os olhos em nós por detrás dos óculos redondos de armação fina, levou-a até à sua nova carteira. Aquele era o lugar no qual ninguém queria sentar-se — de frente

para a parede e para a casa de banho da turma —, um infortúnio duplo e deprimente. Não só tínhamos de ficar sentados de frente para a parede de cor mortiça, que ficava apenas a trinta centímetros da cara, mas também, de vez em quando, se alguém decidia ir à casa de banho, percebia logo pelo cheiro que não era o primeiro — às vezes, o cheiro também se mantinha ali por duas horas. Era completamente nojento.

Naquele momento, apeteceu-me ir para junto dela. Queria fazê-la sentir-se bem recebida para não se sentir tão sozinha. Só que um rapaz de nove anos não fazia uma coisa dessas. Por isso, resisti àquela minha ânsia. Continuei sentado, especado a olhar para ela, como todos os outros colegas que já a tinham visto.

— Tens a caneta verde? — perguntou-me Robert, o meu melhor amigo, que se sentava sempre à minha direita. Éramos inseparáveis desde que as nossas mães se tinham conhecido no parque local quando ainda andávamos nos carrinhos de bebé e chuchávamos nas chupetas — o que as levava a encontrarem-se todos os dias para tomar chá, comer biscoitos e distraírem-se um pouco das conversas sobre assuntos pueris. Enquanto os nossos pais se ausentavam para ir trabalhar, elas deleitavam-se na companhia de outro adulto depois de terem passado meses apenas na minha companhia e na de Robert. A minha mãe dizia que, naquele primeiro dia, bastara o Robert dar-me uma uva-passa da sua caixa *Sun-Maid*, e pronto, nascera entre nós uma grande amizade para toda a vida. O certo é que dizem que são as pequenas coisas...

Sentados nas nossas carteiras, fiquei perturbado com a sua pergunta — ainda não me tinha decidido quanto à cor que ia usar nas cobras, mas acabei por lhe dar a caneta verde. Já não era importante — estava mais concentrado na nova aluna. A Medusa podia esperar.

— Para onde estás embasbacado a olhar? — perguntou-me Robert, afastando o cabelo loiro da frente dos olhos.

Fiquei calado, mas os seus olhos verdes desconfiados seguiram a direção do meu olhar fixo.

— Aaahhh, gira! — exclamou, soltando um risinho.

Robert pousou na carteira a caneta de ponta de feltro que eu acabara de lhe dar e juntou-se a mim na contemplação da novata. Ficámos

calados. Simplesmente deixámo-nos ficar sentados a observá-la. Tinha um ar mesmo muito giro, concluí, concordando com Robert.

— Atenção, meninos — irrompeu Mr. Watson para chamar a nossa atenção, ao mesmo tempo que coçava o lado da barriga redonda, que ameaçava sair por baixo da camisa branca. — Gostava que dessem um bom-dia caloroso à Maddy, a vossa nova colega. Ela vem da zona de Londres.

— Bom dia, Maddy. Bom dia a todos — dissemos em coro e em unísono. Era um truque que tínhamos andado a ensaiar desde o primeiro dia em que entráramos ali na Escola Primária de Peaswood. Pergunto-me se, em termos sociais, aprendemos com coisas destas. Ninguém recebe um adulto aos berros daquela maneira quando começa a trabalhar num emprego novo. Se eu começasse a trabalhar num sítio novo e tivesse toda a gente a virar-se para mim e a gritar-me: «Bom dia, Ben Gilbert», com sorrisos doentivamente melosos, acho que desatava a fugir. Pode até ter um quê de culto, mas devo dizer que gostei muito de dar os bons-dias a Maddy Hurst naquele primeiro dia em que chego à nossa escola.

Fiquei a vê-la levantar os olhos enquanto a cumprimentávamos em coro, e ela mostrou-se surpreendida quando, numa milésima fração de segundo, o seu olhar se cruzou com o meu. De repente, senti as minhas faces ruborescerem e abrirem-se num enorme sorriso pateta. Ela mostrou-me um sorriso breve antes de o seu olhar fixo se deter ao meu lado apenas um instante e depois descer para o chão — as suas faces também ruboresceram. Virei-me para o Robert e vi-o a exhibir o mesmo sorriso pateta que eu. Levantou os olhos para mim e deu uma segunda risadinha.

O Robert nunca dava risadinhas. Ele ria, mas nunca dava risadinhas. Foi bastante engraçado o novo ruído feminino que não conseguiu conter.

À hora do almoço, Robert e eu não perdemos tempo a ir ter com Maddy para lhe dizer «olá». Acompanhámo-la ao refeitório (onde nos empanturrámos de croquetes de batata, panados de peru em forma de dinossauro e feijão cozido — naquele tempo, a comida era fantástica) e retirámos tanta informação quanta conseguimos da rapariga que decidiríamos tornar na nossa nova amiga.

Os nossos corações quase explodiram quando ela nos disse que morava logo abaixo das nossas casas, mesmo ao virar da esquina — olhámo-la com sorrisos rasgados de orelha a orelha, sem conseguir acreditar na nossa sorte, ansiando por bater à sua porta e dizer-lhe para vir brincar connosco.

É justo que se diga que tivemos logo a certeza de que Maddy tinha algo de diferente de todas as outras raparigas que conhecêramos antes — algo que nos deixara fascinados a primeira vez que olháramos para a sua figura nervosa, por ser a nova rapariga da nossa turma. Tinha aquele ar tão particular, aquela capacidade incrível de nos fazer parecer dois cachorrinhos obedientes.

Não havia nem um pedacinho de mim que quisesse contrariar aquela atração.

Sentia-me feliz por ter sido conquistado.

Apaixonei-me logo.

MADDY

Nove anos...

Não fiquei lá muito contente quando o pai e a mãe me anunciaram que íamos mudar-nos «para o fim do mundo» — apesar de me garantirem que era para «termos uma vida melhor». Imaginei-nos a viver numa cabana de madeira sem viva-lma num raio de vários quilómetros, rodeados por campos de feno e galinhas fedorentas — algo como na série *Uma Casa na Pradaria*. Só que, por acaso, Peaswood nem era assim tão má — para começar, a nossa casa era de tijolo, tínhamos vizinhos e não se via galinhas por perto. Havia uma rua principal movimentada, que se percorria bem a pé, fosse onde fosse que se vivesse naquela localidade, cheia de lojas e *pubs* (havia quatro *pubs* — um bocadinho demais para um sítio tão pequeno) e um grande centro comunitário, situado numa das saídas. A igreja anglicana local situava-se a meio da movimentada rua, ladeada pela florista e pelo padeiro — o cheiro a pão e a bolos acabados de cozer fazia roncar os estômagos de quem estivesse ajoelhado em oração.

Tinha andado nervosa com a entrada na nova escola e por ir fazer novos amigos. Embora na minha antiga turma eu não fosse uma miúda popular, tinha um grupo de amigos simpático de quem tivera pena de me separar quando nos mudáramos. Como qualquer rapariga da minha idade, só queria que os meus novos colegas de turma gostassem de mim.

No dia em que cheguei à escola, estava muitíssimo nervosa e senti-me incomodada quando Mr. Watson desviou a atenção de toda a turma para mim de uma maneira um tanto abrupta. Não

se compreende que os professores não percebam como aquele instante é tenso e embaraçoso para uma criança — saber que todos estão a avaliar-nos e a decidir se estão interessados, ou não, em ser nossos amigos, ou se somos condenados a ser o falhado da turma para todo o sempre. É horrível. Numa fração de segundos, senti as faces ruborizarem e a bexiga acordar, e tive de me valer de todo o meu autodomínio para não fazer chichi ali mesmo. Tinha sido um começo fantástico.

Só quando finalmente me enchi de coragem e ergui os olhos do fino tapete castanho junto ao qual parara e vi Robert e Ben a olharem na minha direção com uns sorrisos incrivelmente acolhedores e amistosos é que me senti muito mais descontraída. O meu frenesim interior diminuiu por alguns instantes, permitindo-me devolver-lhes um sorriso antes de voltar a baixar os olhos para o tapete castanho que estava no chão à minha frente.

Apesar de termos trocado sorrisos, fiquei surpreendida por serem eles os primeiros a abordarem-me e a virem falar comigo. Julguei que fossem as raparigas da turma a fazê-lo. Julguei que alguma delas ficaria contente por ter uma colega nova de quem pudesse ser amiga, mas, pelos vistos, estava enganada. No dia em que cheguei, nenhuma me deu atenção. Em vez delas, foram aqueles dois rapazes que mostraram um certo interesse em me conhecer.

Lembro-me de pensar que o Robert e o Ben formavam um par engraçado. Robert, aquele em quem reparei, era sem dúvida nenhuma o mais confiante dos dois, tinha o cabelo louro-palha caído em lisas e sedosas farripas de ambos os lados da cara até às maçãs do rosto. Os seus olhos verdes luminosos com laivos dourados nunca pareciam estar demasiado alerta — era como se estivesse sonolento, com duas pequenas fendas no rosto um pouco sardento. Ben era aflitivamente tímido e lembrava-me o Bambi — tinha o cabelo castanho gelificado em espigas perfeitas e o tom moreno da sua pele parecia realçar a riqueza dos seus olhos castanhos muito protuberantes.

Foi graças aos seus modos atenciosos e sorrisos tolamente rasgados, enquanto me acompanhavam ao refeitório para almoçarmos, que os meus receios por estar numa escola nova depressa se

desvaneceram. Também fiquei grata por não ter sido completamente rejeitada pelos meus novos colegas de turma.

É verdade, também fiquei muito surpreendida quando aqueles dois colegas apareceram nesse final de tarde à minha porta montados nas suas bicicletas *BMX* azuis iguaizinhas a saber se eu podia ir brincar com eles, ao mesmo tempo que, com a biqueira dos ténis, as empurravam para trás e para diante. Não pude deixar de lhes retribuir um sorriso empolgado. Era a primeira vez que alguém batia à porta de minha casa à minha procura.

Tive pena que a mãe achasse que era ainda muito cedo para me deixar andar a deambular pelas ruas de Peaswood na companhia de dois rapazes que ela não conhecia. Por isso, consentiu em os convidar a entrar para brincarem comigo — depois de telefonarem às respetivas mães a dizer-lhes onde estavam, claro. Os rapazes aceitaram a proposta todos contentes e abandonaram logo as bicicletas no nosso jardim sem a menor hesitação. Ainda me lembro de que, antes de fechar a porta e de me juntar aos meus novos amigos já no interior de minha casa, olhei para as suas bicicletas e sorri ao pensar que aquele nosso novo bairro devia ser muito seguro. Senti-me desejada e cúmplice.

A minha relação com os rapazes começou de forma muito alegre e entusiasta, embora tentar arranjar amigas entre as raparigas da minha turma fosse bem mais problemático. Eram um grupo muito unido, tanto mais sedutor pelo facto de os seus membros (Laura, a líder do grupo, Michelle, Becky e Nicola) terem adotado para si a singular designação de Sonhadoras Cor-de-Rosa. Este também era o nome do grupo musical feminino a que pertenciam. Nem consigo dizer com exatidão quanto queria ser aceite por elas quando ouvi falar dele, mas parecia que a amizade que já começara a construir com os rapazes ia pôr em perigo as minhas hipóteses de me tornar numa estrela *pop* na primária e de ter algum tipo de amizade com as raparigas. Pelos vistos, até aos nove anos, a política social era comum.

Elas detestavam o facto de eu me dar com os rapazes, e disseram-mo na mesma altura em que me perguntaram se eu gostava de algum deles ou se já os tinha beijado. Foi horrível estar sob aquele escrutínio todo, além de me sentir excluída. Infelizmente, quando

o meu cérebro se deixou dominar por uma tola necessidade de ser aceite por elas, achei que o melhor que tinha a fazer era acabar com o relacionamento que tinha com o Robert e o Ben, fosse ele qual fosse. Envergonho-me de dizer que os ignorei, que ao almoço fui sentar-me longe deles e fugi deles nos intervalos — julguei que era a única maneira de fazer as Sonhadoras Cor-de-Rosa (até me custa a crer que me importasse tanto com um grupo de raparigas que se apelidavam daquela maneira) aceitarem que eu fizesse parte do seu grupo.

E, a certa altura, cheguei mesmo a acreditar que tinha sido bem-sucedida nisso.

Um dia, ao almoço, Laura chamou-me para me sentar ao pé delas. *Até que enfim*, pensei eu, *vou ser aceite no grupo delas*.

Oh, que miúda tão tola eu era!

Aquilo era tudo um esquema.

Sentava-me na única cadeira de plástico cor de laranja vazia, pronta para desfrutar do meu primeiro almoço com as minhas novas amigas, quando senti a cadeira fugir debaixo de mim. Voei para trás ao mesmo tempo que dava um berro enorme e aterrava de costas no chão, ficando de pernas para o ar — com as cuecas brancas de algodão à mostra e a minha dignidade estatelada no chão ao meu lado. Nunca me senti tão humilhada.

Corri para a casa de banho, humilhadíssima, logo seguida do Robert e do Ben. Benditos sejam, que até entraram *na* casa de banho das raparigas para verem se eu estava bem. Não havia muitos rapazes daquela idade que se aventurassem a entrar num território tão formidável sem se importarem com o facto de serem, ou não, vistos pelos seus pares.

A nossa amizade foi restabelecida naquele pequeno espaço. Fizemos a promessa sentida de eu nunca mais ser colocada naquela situação e de os três ficarmos juntos e formarmos um trio até ao fim dos tempos. Aquele momento deliciosamente bonito uniu-nos como uma força bem cimentada.

Eu tinha os meus rapazes, não precisava de mais nada.

BEN

Nove anos...

Pouco depois daquele momento inspirador de verdadeira amizade, o meu pai deixou-nos, a mim e à minha mãe. Um dia, muito simplesmente, foi-se embora sem dar qualquer explicação, desculpa nem fazer nenhuma despedida emocionada. Pareceu-lhe ser mais fácil cortar os laços de família que tinha e começar uma vida nova noutra sítio qualquer. Sem se preocupar com o facto de nunca mais ver o rapazinho inocente que venerava o chão que ele pisava.

Conhecera outra mulher. Alguém com quem trabalhava na polícia — uma agente como ele. Acho que não era mais nova do que a minha mãe, contrariando o estereótipo habitual. Acho que não era mais bonita do que ela, nem mais simpática, nem mais inteligente, mas naquele momento também não era de esperar que o achasse, pois não? Sempre tive da minha mãe a ideia de uma senhora bonita com uns cabelos negros lisos e uns olhos castanho-escuros, uma figura miúda que a tornava delicada e frágil, mas, na realidade, ela tinha nervos de aço, como eu acabaria por saber com o passar dos anos. Era suficientemente rija para resistir a certos golpes da vida. Até podia ser que a nova mulher que entrara na vida do meu pai compreendesse melhor do que a minha mãe a pressão do seu trabalho, mas não quero justificar o que ele fez ao admiti-lo.

O que mais me magoava era o facto de ela, a nova mulher, ter um filho. Chamava-se George e era uns dois anos mais novo do que eu. O pai acolheu-o como se fosse seu — como se fosse um substituto do filho que abandonara. Pelos vistos, era tão simples quanto isto.

O certo é que, quando aquilo aconteceu, ainda não sabíamos nada disto, mas, com o passar do tempo, a minha ama e as minhas tias começaram a cochichar. Claro que a intenção delas não era fazer-nos saber aquilo, mas foram deixando escapar pedacinhos de informação que consegui juntar.

Sabem uma coisa, ele não deixou sequer um simples bilhete a informar-nos de que se ia embora. Só soubemos disso porque a maior parte das suas coisas desapareceu. Fora-se embora enquanto eu estava na escola e a mãe estava a trabalhar. Que homem covarde.

Nessa tarde, quando a mãe me foi buscar à escola, perguntei-lhe se o Robert podia jantar lá em casa (a Maddy estava ocupada com qualquer coisa, já não me recordo com quê), e, sem saber do vazio que nos aguardava em casa, como de costume, ela respondeu que sim, toda satisfeita. O Robert era sempre bem-vindo.

Percebemos que algo de estranho se passava assim que entrámos em casa e ela nos pareceu mais fria, ou como se faltasse alguma coisa. Era a mesma sensação que sentiríamos se chegássemos a casa e víssemos que tínhamos sido assaltados. Era uma atmosfera inquietante e diferente.

A mãe suspirou. Foi essa a reação que teve perante tudo aquilo, suspirar como se já estivesse à espera de que acontecesse. Como se soubesse que aquele desperdício de espaço chamado marido nos tinha deixado de forma incrivelmente insensível ao cabo de treze anos de casamento.

— Meninos, querem ir brincar para o jardim enquanto preparo o jantar? — perguntou-nos ela, conseguindo manter a voz firme e vigorosa.

— Tenho de ir mudar de roupa? — perguntei-lhe. Nunca podia ir brincar com o uniforme vestido e normalmente a *T-shirt* que eu tirava ia logo para lavar. A mãe ia ao leme de um navio afundado.

— Não, não faz mal nenhum, querido.

Ela queria impedir-me de ir ao andar de cima para não perceber que o pai se tinha ido embora — para não ver coisas como as portas do guarda-fatos abertas sem roupa nenhuma pendurada no seu interior, ou cabides vazios descuidadamente espalhados pelo quarto na pressa que tivera para sair. Ela quis poupar-me àquela dor e constrangimento.

Claro que eu percebi. Dizem sempre que os miúdos têm um sexto sentido para coisas deste género, e a verdade é que eu o tinha mesmo.

Anuí e, a arrastar os pés, saí para a rua acompanhado por Robert. Sem dizer nada, dirigimo-nos para o fundo do jardim, longe da casa, e subimos para a minha casinha na árvore. Fora o pai que ma montara e ma oferecera no meu aniversário do ano anterior, o último em que ali estivera. Era um quadrado de madeira com uma área de 1,20 metros, coberto por um teto plano e com uma janelinha que dava para a nossa casa — a certa altura, a mãe oferecera-se para lhe pôr uma cortina, mas eu achara que isso lhe retirava todo o cariz arrapazado. Pendurada no teto, a passar por um buraco aberto na base e a descer até ao terreno em baixo, estava uma corda azul, grossa e com nós, perfeita para eu entrar e sair do meu novo esconderijo. O pai dissera-me que, aos nove anos, eu já tinha idade suficiente para ter o meu próprio espaço — embora a mãe estivesse sempre inquieta por causa da minha segurança, sem conseguir lidar com o facto de o seu rapazinho ser capaz de subir e descer livremente com toda a confiança.

Naquela tarde desoladora, enquanto estávamos ali sentados, virei-me e olhei para o Robert. Reparei que mordida o lábio inferior com ansiedade e dei-me conta de que também ele já sabia.

— Acho que o meu pai se foi embora — disse-lhe, baixinho. Pareceu-me estranho verbalizar aquilo em voz alta. Ter ouvido aquelas palavras saírem da minha boca, obrigou-me a olhar de frente para a verdade sobre aquele assunto e permitiu também que a tristeza acabasse por surgir e se agarrasse com toda a força ao meu coração. Senti-me tão... desiludido.

— Pois... — respondeu Robert a olhar-me, preocupado.

Permanecemos uns instantes sentados, ao lado um do outro, sem dizer nada e de olhos postos na casa da minha família. Até esse instante, aquele sempre fora um lugar seguro, mas depressa e com a maior das violências se tornara num lugar de incerteza. Claro que já todos tínhamos ouvido histórias de pais que se tinham divorciado. Eu não era o primeiro do meu ano a quem isso acontecia. Uma rapariga da nossa turma nem tinha chegado a conhecer

o próprio pai, porque se fora embora antes de ela nascer, portanto, sim, já tínhamos ouvido falar disso e temíamos que o mesmo pudesse acontecer-nos. Sempre que havia uma briga na cozinha, à mesa, ou uma altercação no carro por causa das direções erradas, sentíamos a preocupação crescer. Para mim, naquele momento, o pesadelo transformara-se em realidade. Milhões de perguntas inundavam-me o espírito, enquanto me interrogava sobre a razão pela qual ele se teria ido embora, se eu fizera alguma coisa que o tivesse deixado zangado, se íamos ter de mudar de casa e sair de Peaswood, se algum dia voltaria a vê-lo e se continuaria a amar-me.

Revivi aquela manhã com o meu pai, a última vez em que o vi, e tentei encontrar algum sinal — uma coisa que nunca deixei de fazer ao longo dos anos, sempre que ele fazia uma aparição indesejada nos meus pensamentos. Perguntei-me se fizera algo que sugerisse estar ansioso em relação à grande decisão que estava prestes a tomar, se se mostrara mais afetuoso para comigo do que era costume ou se parecera ter pena de me deixar. Tanto quanto me apercebera, não havia nada. Não vi nenhuma palavra proferida nem nenhum olhar mais estranho que pudessem ser decifrados. Houvera, unicamente, a rotina matinal do costume, com o pequeno-almoço tomado enquanto lia o jornal e a seguir a sua saída para o trabalho.

— Vais ficar bem — acabou por dizer Robert, com um meneio de cabeça.

— É...

— Estarei sempre contigo.

— Obrigado — ainda consegui dizer antes de desatar a chorar, sem conseguir continuar a esconder a tristeza que sentia.

Robert envolveu-me com um braço e apertou-me contra si com firmeza, tornando-se sem dizer nada na minha âncora, enquanto eu me deixava ir abaixo.

Ficámos assim ali sentados durante os trinta minutos seguintes. Não dissemos mais nada.

Depois daquilo passar, nunca mais voltámos a falar das minhas lágrimas, mas aquela tarde mudou tudo entre nós. Tínhamos estado expostos a algo que as nossas jovens e frágeis almas ainda não estavam preparadas para viver, uma dor de que, num mundo

ideal, devíamos estar protegidos. O meu pai tinha-me deixado, deitara-me fora, como se de umas calças usadas e gastas se tratasse. Ele não tinha feito nada para tentar poupar-me à dor da sua partida — na verdade, Robert, apenas com nove anos, fizera mais para me reconfortar do que o meu próprio pai. Era lamentável. Era a vulnerabilidade que a situação provocava em ambos que fazia com que uma união mais forte se criasse entre nós. A partir desse momento, de meu melhor amigo, Robert passou a ser o meu rochedo, e eu venerava-o por isso.

MADDY

Onze anos...

Dois anos depois de ter transposto os portões da Escola Primária de Peaswood, estava satisfatoriamente adaptada graças aos meus grandes amigos, Robert e Ben. Íamos para todo o lado juntos e fazíamos tudo em conjunto. Era raro um de nós ser visto sem os outros dois. Isto também era reforçado pelo facto de os nossos pais se terem aproximado, significando isso que, enquanto tinham os seus jantares comemorativos de adultos e às sextas-feiras à noite se encontravam no clube comunitário, nos deixavam ir brincar para a rua. Ainda por cima, era raro o dia em que não fizessemos qualquer coisa juntos depois das aulas. As nossas mães vinham buscar-nos à porta da escola, levavam-nos para casa e, poucos minutos depois, um de nós já estava a bater às portas dos outros dois a perguntar se queriam ir brincar para a rua.

Felizmente, as coisas tinham mudado na nossa turma — sobretudo por nunca mais me ter apetecido tornar-me numa Sonhadora Cor-de-Rosa, embora essa não tenha sido uma conclusão a que eu tivesse chegado facilmente. Depois de várias discussões, um dia, para grande alívio dos rapazes, dei ouvidos à razão. Desse modo, por ter deixado de me preocupar tanto, a Laura e o seu grupo pararam de implicar comigo. Ainda bem que chegámos a uma espécie de tréguas.

No nosso último ano na escola primária, no dia 15 de maio, toda a turma foi para o fundo do pátio da escola, onde o sol primaveril brilhava, para junto dos enormes abetos, para vermos Becky Davies (uma das raparigas mais simpáticas das Sonhadoras Cor-de-Rosa) e Greg Reed (o rapaz mais popular da nossa turma) fazerem uma

coisa mesmo de adultos... casarem. Foi tudo feito com toda a seriedade, com Laura a fazer de sacerdote e as restantes miúdas do grupo a representarem o papel de damas de honor (não admirava).

— Ainda não percebi porque é que temos de assistir a isto — bufou Robert do meu lado direito.

— Porque sim! É romântico! — respondi-lhe.

— É estúpido.

Não voltei a responder ao seu resmungo, porque tinha quase a certeza de que Robert tinha um fraquinho pela Becky. Era essa a verdadeira razão por que ele achava tudo aquilo ridículo. Estava com ciúmes.

— Eu até gosto de ver... — disse Ben, parado à minha esquerda, com um sorriso radiante.

— A sério? — interpelou-o Robert com desagrado, ao mesmo tempo que afastava as farripas de cabelo dos olhos com um gesto irritado.

— Sim — anuiu Ben com impaciência.

Laura estava de pé ao lado de Greg, naquela que era a nossa versão infantil e improvisada de um lugar romântico para casar, ou seja, alguns galhos, margaridas, campainhas e dentes-de-leão dispostos em círculo como um pequeno ninho de amor.

Para grande incómodo de Robert, aproximámo-nos um pouco mais deles quando a cerimónia pareceu estar prestes a começar.

— Queiram, por favor, receber a noiva e as suas damas de honor — gritou Laura, com uma mão a varrer o ar num gesto dramático dirigido ao grupo de raparigas acabado de chegar e que estivera escondido atrás de algumas árvores.

Nicola e Michelle, as outras duas Sonhadoras Cor-de-Rosa, juntaram-se ao grupo a segurarem em raminhos de margaridas e a trautearem *A Marcha Nupcial* com grande entusiasmo. Atrás delas, vinha Becky com um vestido comprido de um branco imaculado enfiado por cima do uniforme.

Ouviu-se risos vindos do meu lado direito.

Virei-me e vi Robert a tapar o rosto corado com a mão, sem conseguir reprimir mais o riso trocista.

Dei-lhe uma cotovelada nas costelas.

— Ai.

— Senhoras e senhores, meninos e meninas — gritou Laura ainda mais alto, com a voz a soar mais séria e adulta do que de costume. — Obrigada a todos por estarem connosco neste dia. A Becky e o Greg estão esfuziantes por partilharem este momento maravilhoso com os amigos.

Robert suspirou ao meu lado, sem conseguir esconder a irritação que sentia.

— O casamento é a maneira como duas pessoas mostram e dizem ao mundo que gostam muito uma da outra — disse ela para o pequeno grupo ali reunido. — Chegou o momento de serem eles a dizer que se amam um ao outro mais do que a qualquer outra pessoa que conheçam. Que estão felizes por estarem presentes na vida um do outro até que a morte os separe.

Não consegui reprimir um sorriso quando olhei de relance para Robert e o vi a pontapear pedacinhos de erva com um ar enfadado, e depois para Ben, que prestava a maior atenção ao que se passava — à medida que captava o sentido das palavras, mostrava uma expressão plena de reverência.

Quando Laura concluiu a sua intervenção, e depois de os noivos terem repetido as suas palavras, ela deu a cerimónia por encerrada. — Becky e Greg, pelo poder de que fui investida, declaro-vos a partir de agora marido e mulher... Greg, agora pode beijar a noiva.

Foi no meio de um silêncio atrapalhado que vimos Greg pôr as mãos nas faces de Becky, puxá-la para si e beijá-la mesmo nos lábios. Foi, e continua a ser, o primeiro beijo mais espontâneo e alegre que vi ser dado num casamento. Durou dois segundos e foi seguido por um sorriso rasgado do par recém-casado, ao mesmo tempo que a pequena multidão ali reunida irrompia em apupos e aplausos.

— Isto foi um bocado longe demais — soprou Robert, a revirar os olhos.

Enquanto o grupo continuava exultante, uma mão quente e húmida encontrou a minha. Era do Ben. Apertou-me três vezes antes de a largar.

Levantei o rosto e olhei para ele. Mostrava-me um sorriso envergonhado.

BEN

Onze anos...

EU
AMO-
-TE.

Fora o que quisera dizer-lhe com aqueles três apertos de mão. Estava a ser sincero e sabia-o.

Amava-a, de facto...

Ali, naquele cenário de amor e felicidade, foi difícil resistir ao desejo intenso que se apoderou de mim e que não conseguia ignorar. Senti um desejo enorme de abrir a boca e proferir aquelas palavras em voz alta, mas não fui capaz. Em vez disso, encontrei outra maneira de expressar o que tinha a certeza de sentir. As palavras pulsavam-me pelo corpo e saíam das minhas mãos para as dela, para aquela que eu amava de uma maneira inexplicável.

Teria sido mais fácil atribuir tudo a uma paixoneta, a um caso triste e patético de um amor infantil, mas não. Era muito mais do que isso.

Maddy conquistara-me desde a primeira vez que a vira. Ficara completamente preso a ela. Tudo nela me fascinava — a sua aparência, os seus cabelos cor de fogo e as suas faces rosadas, o modo como os seus lábios em forma de coração se moviam com suavidade e ternura e a grande vulnerabilidade que revelava quando abria o seu bondoso coração. Adorava-a — era tão simples quanto isso.

A presença de Maddy na minha vida fazia-me sentir inteiro. Era uma centelha mágica sem a qual eu não queria viver. Por isso lho dissera com aqueles três apertos de mão ao de leve. Não havia

segundas intenções, nenhum plano secreto, nenhum desejo de que algo mudasse entre nós — tudo o que queria era libertar-me daqueles sentimentos transmitindo-os da única maneira que sentia que podia.

Três apertos de mão amorosos.

De mim.

Para ela.

Ser amiga de dois rapazes nem sempre foi a coisa mais fácil com que Maddy teve de lidar. Houve alturas em que ser apenas nossa amiga lhe custou mais do que algumas lágrimas e dores de cabeça. Sobretudo porque, como toda a gente sabe, os rapazes e as raparigas não conseguem ser apenas amigos. Mas agradava-nos pensar que éramos uma exceção a essa regra. E quando o momento da verdade chegou, o que inevitavelmente acabaria por acontecer, decidimos – com uma promessa lamecha, se não me engano – manter-nos unidos como crude. Ficou carregado de simbolismo o facto de estarmos sempre disponíveis uns para os outros e de nunca faltarmos a essa promessa, fosse o que fosse que a vida nos reservasse. Claro que, assim que chegámos à puberdade, os nossos anos de juventude encheram-se de delitos selvagens. Bem, pendurarmo-nos nas árvores também conta, certo? Mas para a Maddy e para mim, uma viagem de estudo a Paris seria onde a nossa história começaria realmente. É difícil dizer se sempre existira algo entre nós ou se a cidade do amor nos lançou um feitiço e reclamou os nossos corações. O que eu sabia era que as coisas nunca mais voltariam a ser como dantes..